UNIVERSIDADE DE SANTO AMARO - UNISA

Curso de Psicologia

Iara Soares de Lucena

Topaze Michaelle Aparecida do Nascimento Santos Ohara

PRIVAÇÃO AFETIVA NA INFÂNCIA E POSSÍVEIS IMPACTOS NO DESENVOLVIMENTO DO SUJEITO: UMA PESQUISA EXPLORATÓRIA DA ABORDAGEM CENTRADA NA PESSOA

São Paulo

2021

Iara Soares de Lucena

Topaze Michaelle Aparecida do Nascimento Santos Ohara

PRIVAÇÃO AFETIVA NA INFÂNCIA E POSSÍVEIS IMPACTOS NO DESENVOLVIMENTO DO SUJEITO: UMA PESQUISA EXPLORATÓRIA DA ABORDAGEM CENTRADA NA PESSOA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à graduação de Psicologia da Universidade de Santo Amaro - UNISA, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Psicologia.
Orientadora: Prof.ª Ms. Elaine Toledo Risso.

São Paulo

2021

L968p Lucena, Iara Soares de

Privação afetiva na infância e possíveis impactos no desenvolvimento do sujeito: uma pesquisa exploratória da abordagem centrada na pessoa / Iara Soares de Lucena. – São Paulo, 2021.

40 f.: il.

Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Psicologia) – Universidade Santo Amaro, 2021.

Orientador (a): Profª. Ms. Elaine Toledo Risso

1. Privação afetiva na infância. 2.Impactos da privação afetiva no desenvolvimento do Sujeito. 3. Afetividade e vida adulta. 4. Afetividade na abordagem centrada na pessoa. I. Risso, Elaine Toledo, orient. II. Universidade Santo Amaro. III. Título.

Elaborado por Janice Toledo dos Santos – CRB 8 / 8391

Iara Soares de Lucena

Topaze Michaelle Aparecida do Nascimento Santos Ohara

PRIVAÇÃO AFETIVA NA INFÂNCIA E POSSÍVEIS IMPACTOS NO DESENVOLVIMENTO DO SUJEITO: UMA PESQUISA EXPLORATÓRIA DA ABORDAGEM CENTRADA NA PESSOA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Psicologia da Universidade de Santo Amaro - UNISA, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Psicologia

Orientador (a) Prof. Ms. Elaine Toledo Risso

São Paulo, 10 de dezembro de 2021.

Banca Examinadora

_____

Profa. Ms. Elaine Toledo Risso

(Orientadora)

_____

Prof.

_____

Prof.

Conceito Final _____

RESUMO

A afetividade desempenha um importante papel no desenvolvimento do indivíduo, na forma como se constrói e constitui suas relações. É a afetividade que dará sentido às experiências. Na infância, as experiências afetivas são vivenciadas principalmente na relação pais e filhos e é através dessa relação que a criança começa a se perceber como um ser amável, um ser digno de amor e isso é muito significativo na constituição desse indivíduo. O desenvolvimento do self pode ser comprometido quando essa relação não tem um vínculo afetivo, interferindo na forma como esse pequeno ser vai se perceber, se sentir, formar seus valores e comportamentos. O presente trabalho objetiva apresentar a percepção da Abordagem Centrada na Pessoa em relação a privação afetiva na infância, apontando os possíveis impactos no desenvolvimento do sujeito. Para isso, foi realizado um estudo exploratório de natureza qualitativa a partir de uma revisão bibliográfica com base em cenas do filme 'Gênio Indomável', considerando o período de 1973-2021, relacionando-o com o conceito da formação do Self na ACP. Os resultados obtidos confirmam que o indivíduo que sofreu privação afetiva na infância tem essas experiências retratadas em sua consciência de forma significativa, impactando em sua maneira de ver o mundo, se perceber e em suas relações interpessoais. De acordo com Rogers (2003), o sujeito irá reagir à existência de acordo com sua maneira de percebê-la e esta forma de perceber é influenciada pela maneira que os pais lidaram com ele. A partir disso, foi exposto os princípios facilitadores utilizados pela ACP, para auxiliar o indivíduo nessa condição, pois para Rogers o self não é algo estático, o que possibilita o desenvolvimento do indivíduo. A Abordagem Centrada na Pessoa acredita no potencial do ser humano em superar os seus traumas passados através de uma relação de ajuda que facilitará que esse desenvolvimento aconteça.

Palavras-chave: "privação afetiva na infância", "impactos da privação afetiva no desenvolvimento do sujeito", "afetividade e vida adulta", "afetividade na abordagem centrada na pessoa".

ABSTRACT

Affection plays an important role in the individual's development, in the way in which relationships are built and constituted. It is the affectivity that will give meaning to individuals' experiences. In childhood, affective experiences are lived mainly in the relationship between parents and children, and it is through this relationship that the child begins to perceive himself as a loving being, a being worthy of love and this is very significant in the constitution of this individual. The development of the self can be compromised when this relationship does not have an affective bond, interfering with the way this little being will perceive himself, feel, form his values and behaviors. This paper aims to present the perception of the Person-Centered Approach in relation to affective deprivation in childhood, pointing out the possible impacts on the subject's development. For this, an exploratory study of a qualitative nature was carried out based on a literature review based on scenes from the movie 'Good Will Hunting', considering the period 1973-2021, relating it to the concept of the formation of the Self in PCA. The results obtained confirm that the individual who suffered emotional deprivation in childhood has these experiences portrayed in their conscience in a significant way, impacting their way of seeing the world, perceiving themselves and their interpersonal relationships. According to Rogers (2003), the subject will react to existence according to his way of perceiving it and this way of perceiving it is influenced by the way his parents dealt with him. From this, the facilitating principles used by PCA were exposed to help the individual in this condition, as for Rogers the self is not something static, which enables the individual's development. The person-centered approach believes in the potential of human beings to overcome their past traumas through a helping relationship that will facilitate this development to take place.

Keywords: “affective deprivation in childhood”, “impacts of affective deprivation on the subject's development”, “affection and adult life”, “consequences of lack of affection”, “affection in the person-centered approach”.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO 4
2. REFERENCIAL TEÓRICO 5
2.1. Infância 5
2.2. Afetividade 7
2.3. Consequências da privação afetiva 8
2.3.2. Privação afetiva na adolescência 11
2.3.3. Privação afetiva na fase adulta 12
3. ABORDAGEM CENTRADA NA PESSOA E AFETIVIDADE 13
4. OBJETIVO E HIPÓTESE 17
4.1 Objetivo Geral 17
4.2 Hipótese 17
5. METODOLOGIA 18
5.1 Procedimentos 18
6. RELATO DO FILME ‘GÊNIO INDOMÁVEL’ 21
7. RESULTADOS E DISCUSSÃO 23
8. CONSIDERAÇÕES FINAIS 34
9. REFERÊNCIAS 36

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como proposta identificar a importância das relações afetivas para o indivíduo, compreender o que ocorre quando ele passa por privação afetiva na infância e quais os possíveis impactos que isso trará para vida adulta. Para identificar a importância das relações afetivas, foi realizado um estudo exploratório de natureza qualitativa, a partir de uma revisão bibliográfica e a seleção de algumas cenas do filme 'Gênio Indomável'. As análises realizadas se baseiam na perspectiva da Abordagem Centrada na Pessoa (ACP).

Myers (2012), afirma que a afetividade é parte inerente do ser humano e todo ser humano tem a necessidade de pertencimento. Segundo o mesmo autor, as demonstrações de afeto como abraçar, beijar e contato físico fortalecem os laços afetivos. Nicolas (2007) diz que o ambiente familiar é propício a essa afetividade tão necessária e quando os laços familiares são rompidos trazem danos ao indivíduo.

Desde a infância é possível encontrar prejuízos no desenvolvimento biopsicossocial em crianças que por diversas razões foram privadas do afeto, isso não prejudica apenas o desenvolvimento emocional, mas também o desenvolvimento imunológico, cerebral e cognitivo, além de outros transtornos, e as consequências podem acompanhar a criança ao longo da vida. (GERHARDT, 2017)

Na adolescência a falta de afeto pode resultar em vários problemas que podem afetar o indivíduo em diferentes aspectos como, dificuldade escolar, estresse, agressividade excessiva, baixa autoestima, transtornos afetivos, entre outros. (LIPP, 2014). Isso ainda pode ser a causa do uso e abuso de drogas, álcool e conduta transgressora (GOMIDE, 2009).

A privação afetiva que atingiu o indivíduo ainda bebê, avançou pela infância, adolescência e chega até a vida adulta, revela que a relação que ele teve com seus pais na infância, influenciará no tipo de pai ou mãe que se tornará (MYERS 2012). As relações afetivas nos adultos que sofreram privação durante a infância também podem ser afetadas, com ciúmes excessivos, inseguranças, baixa autoestima, relacionamentos amorosos abusivos e relacionamentos imaturos (MONTEOLIVA, 1990).

O objetivo deste trabalho é apresentar a importância das relações afetivas para o desenvolvimento do ser humano e como estas contribuem para que o indivíduo

possa amadurecer de forma saudável e desfrutar de uma existência no campo biopsicossocial. Para Ajuriaguerra (1980), a afetividade é fundamental no processo de tornar-se pessoa, pois quando compreendemos a pessoa, pode-se identificar a motivação dos seus comportamentos, sua personalidade, individualidade e valores.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

2.1. Infância

O conceito de infância não é algo próprio que sempre existiu, mas algo que se construiu através da história das sociedades (KRAMER ET AL, 1999).

Ariès (1986), afirma que a descoberta da infância é algo recente, até o século XII ela era desconhecida ou não representada pela arte medieval. Segundo o mesmo autor, isso ocorria não por falta de capacidade ou aptidão, mas é possível que não houvesse interesse para isso. O autor reitera que era como se as crianças fossem adultas em miniatura, pois nas obras de artes elas se diferem destes apenas pelo tamanho, sem nenhuma diferenciação de semblante ou características. As crianças eram irrelevantes, pois se julgava que elas não tinham personalidade, elas passaram a ser retratadas conforme nossa atualidade somente no século XIII. (ARIÈS 1986).

Papalia e Duskin (2013), declaram que a infância é a fase inicial do desenvolvimento humano onde ocorrem diferentes mudanças no seu estado físico, cognitivo e social. Para as autoras a infância se divide em três fases: primeira infância que compreende o período do nascimento até os primeiros três anos, segunda infância que vai dos quatro aos seis anos e terceira infância que abrange o intervalo entre sete e dez anos de idade. Ainda de acordo com as autoras, há diversos aspectos do desenvolvimento a serem contemplados em cada fase, como o desenvolvimento cerebral, físico e cognitivo podendo ocorrer de maneira diferente nas fases acima citadas contemplando suas particularidades.

Desde o nascimento, a criança recebe influências genéticas e culturais que contribuirão para a formação da sua personalidade. (MYERS 2012). Conforme o autor estas influências são hereditárias e ambientais, sendo importante ressaltar que, durante a primeira e segunda infância as mudanças físicas, cognitivas e sociais são mais impactantes.

Baldwin (1973), apresenta a teoria Piagetiana do desenvolvimento infantil dividindo-a por estágios, considerando a idade, capacidade cognitiva e maturação cerebral, conforme segue:

- Estágio Sensório Motor: compreende os dois primeiros anos de vida, onde o bebê tem suas experiências a partir do tato, e só compreende existir o que pode ver por hora;
- Estágio Pré-Operatório: sugere a fase pré-escolar em que a criança começa a usar a imaginação, consegue fazer representação por imagem e é egocêntrica;
- Operatório Concreto: abrange os infantis de 7 a 12 anos de idade, ou seja, neste estágio a criança já é capaz de compreender metáforas, seu raciocínio lógico está mais apurado possibilitando a aprendizagens matemáticas;
- O último estágio, e não menos importante, é a fase Operacional Formal, que surge a partir dos 12 anos de idade já chegando na adolescência, onde este indivíduo pode ter pensamentos mais abstratos e fazer planos para o futuro.

Queiroz et al (2006), diz que de acordo com a teoria da aprendizagem do psicólogo austríaco Lev Vygotsky, as crianças se desenvolvem a partir das experiências vivenciadas com outras pessoas em seu dia a dia. De acordo com o mesmo autor, o psicólogo Vygotsky denomina como “Zona de Desenvolvimento Proximal” a variação do que a criança é capaz de realizar sozinha e o que ainda depende de auxílio de uma outra pessoa, o que sugere a importância das relações interpessoais para que a criança tenha um bom desenvolvimento.

Em um estudo realizado por Mengel e Linhares (2007), onde os mesmos investigaram fatores de risco para o desenvolvimento infantil, especialmente entre crianças em seus primeiros três anos de vida, foi pontuado que, o ambiente familiar em sua dinâmica, baixa escolaridade dos pais, condições socioeconômicas, estado nutricional entre outros, quando em desequilíbrio ou ausência, podem se tornar fatores de risco que trazem prejuízos ao desenvolvimento biopsicossocial infantil e suas consequências podem ser de médio a longo prazo. As autoras ainda sugerem a importância de observação do desenvolvimento das crianças, ou seja, a necessidade que há em dedicar acompanhamento a fim de identificar lacunas que possam ser sanadas favorecendo o bom desenvolvimento deste pequeno indivíduo.

Para Osterrieth (1980), a infância é a fase da humanização do sujeito, que dá acesso as mais extraordinárias e fascinantes conquistas da psique do indivíduo.

O Estatuto da Criança e do Adolescente (1990), estabelecido no artigo 227 da Constituição Federal, é a lei que concebe disposições para os direitos da criança e do adolescente. No caput deste artigo, encontramos a seguinte declaração:

> É dever da família, da sociedade e do Estado assegurar à criança e ao adolescente, com absoluta prioridade, o direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, à cultura, ao lazer e à profissionalização, à liberdade, ao respeito, à dignidade e à convivência familiar e comunitária, além de colocá-los a salvo de toda forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão. (ESTATUTO DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE, 1990 - ARTIGO 227).

2.2. Afetividade

A afetividade é o aspecto psicológico que dará sentido às experiências dos indivíduos e acontece em um cenário de relações do sujeito com os outros (DALGALARRONDO, 2019).

Papalia e Duskin (2013), afirmam que desde os primórdios os seres humanos se apresentam como indivíduos sociáveis. As autoras confirmam que para o recém-nascido, a família é a responsável por oferecer essas interações.

Myers (2012), afirma que a construção de elo entre pais e filhos se dá pelo atendimento das necessidades de apego, acolhimento, familiaridade e segurança pelos seus cuidadores, antes mesmo do bebê completar o seu primeiro ano de vida. O autor ainda enfatiza a importância do contato físico como: abraço, beijo, carinho e brincar com a criança. Passar tempo juntos é fundamental na construção da familiaridade e do apego. Enquanto tudo isso ocorre em paralelo, não só o cérebro da criança está se desenvolvendo, mas também estão sendo formadas a afetividade e comportamentos emocionais e sociais (MYERS 2012).

Bowlby (1982), descreve a relação afetiva que existe entre a mãe e o bebê, como fundamental para o desenvolvimento biopsicossocial dessa criança, sendo essa relação que possibilitará tantas outras. O autor ainda menciona a necessidade de se aproximar de outros para se socializar.

Tinha-se a ideia de que o principal motivo do apego entre mãe e filho se dava por conta da figura materna ser quem atende as necessidades básicas do bebê como

a alimentação. Porém, os psicólogos pesquisadores Henrry Harlow e Margaret Harlow, fizeram um experimento onde eles separavam macacos bebês de suas mães e os colocava em outro ambiente com duas mães postiças, uma delas era feita de arame e constituía a fonte de alimentação dos pequenos macacos. A outra não tinha alimento, mas tinha um formato cilíndrico envolvido com tecido macio e felpudo o que tornava o toque mais confortável. Os pesquisadores perceberam que os macacos optaram por ficar com a mãe de pano, pois mesmo essa não tendo alimento, ainda assim era a mais acolhedora. Os macacos se esticavam até a mãe de arame apenas para se alimentar, o que mostrava sua preferência pela mãe de pano. (PAPALIA; DUSKIN, 2013). As autoras ainda dizem que a forma como o bebê é acolhido é muito significativo na construção do elo e não somente do alimento que recebe.

O lar é como uma escola, onde seus membros juntos em família podem aprender o amor, respeito, confiança, lidar com conflitos, desenvolver autoestima, aceitação, segurança entre outros. (NICOLAS, 2007). Nicolas ainda declara que quando não é possível ter essa experiência no lar, pode haver reflexos negativos que afetam a vida de curto e longo prazo, tornando o indivíduo carente em tais aspectos.

As experiências vivenciadas na infância, norteará na obtenção das memórias afetivas e conduzirão no desenvolvimento do raciocínio e da afetividade que se exterioriza na sua atuação com os outros (NERY, 2014). A autora aponta que a afetividade é a impulsora na execução dos papéis ou no proceder do indivíduo, pois ela possibilita particularidade, propósito, orientação e relevância, sem ela os papéis se desempenhariam automaticamente sem vida e originalidade.

Para Bock et al (1999) é importante falar sobre vida afetiva, pois ela complementa a subjetividade do indivíduo. Só é possível entender nossas expressões se levar em conta os afetos que as seguem, pois segundo os mesmos autores, os nossos comportamentos são definidos pelas nossas emoções.

2.3. Consequências da privação afetiva

Pedrini (1993), denomina a carência afetiva como a fome de amor, pois para ele, assim como uma criança que sofre de privação de alimento ficará desnutrida, da mesma forma o indivíduo quando não recebe a medida necessária de amor para seu desenvolvimento irá se tornar raquítica de amor.

De acordo com Ajuriaguerra (1980), o processo de tornar-se pessoa é a integração da funcionalidade orgânica interagindo com o meio biológico, tornando possível a existência e denominando-se corpo. Quando acontece a junção do corpo com o indivíduo, reconhecendo a complexidade da vida e tudo que a integra com direitos, valores e ideais é o tornar-se pessoa. A partir da afirmação do autor, compreende-se a importância do afeto para constituição da pessoa, e a falta de afeto também terá suas contribuições no ser pessoa. Segundo Dalgalarrondo (2019), a ausência de afetividade torna a vivência psíquica vaga e sem sentido.

Para Bolwby (2006) uma criança que sofre privação é aquela que, quando na vivência do lar, a mãe ou outra pessoa que exerça essa função é incapaz de proporcionar os cuidados amorosos que ela precisa. Rogers (2003), afirma que a relação dos pais com seus filhos é onde acontece as primeiras e mais importantes experiências de desenvolvimento, por se tratar de uma relação de afeto, que permitirá o início do processo de estruturação do self, é através dessa relação com os pais que a criança começa a se perceber como um ser amável, um ser digno de amor e isso é muito significativo na constituição desse indivíduo. O desenvolvimento do self pode ser comprometido quando essa relação não tem um vínculo afetivo, interferindo na forma como esse pequeno ser vai se perceber, se sentir, formar seus valores e comportamentos (ROGERS, 2003).

O amor é tão essencial para a criança que ela agirá de forma a lhe garantir amor e aprovação, sendo esses comportamentos saudáveis ou não para ela, podendo agir contra seu próprio interesse para agradar a outros. (FADIMAN e FRAGER, 1986)

Maslow ao falar da pirâmide das necessidades, aponta a importância do amor e pertencimento para o indivíduo se desenvolver. Para ele, as pessoas que receberam apenas uma pequena quantidade de amor, possuem necessidades mais intensas de afeição e aceitação. E aqueles que nunca tiveram essa experiência, irão aprender a desvalorizar o amor e a achar natural a ausência dele. Estas pessoas muitas vezes se envolvem em atitudes tais como o distanciamento social, adotando o cinismo, frieza e a dissimulação no relacionamento com as pessoas que convivem. Esses indivíduos podem até parecer capazes de atender às suas próprias necessidades com autonomia e livres de qualquer influência, mas na verdade precisam desesperadamente serem aceitos, acolhidos e se sentirem queridos. Os adultos, carentes de amor, na maioria descontentes, buscam maneiras mais claras de saciar-

se, mas com isso acabam arruinando o que seria favorável e que teriam êxito, por empregarem todas as suas forças nessa tarefa. Seus constantes clamores por acolhimento, carinho e afeição deixam os outros receosos, avessos e mais rígidos em seu tratamento (FEIST ET AL, 2015).

2.3.1. Privação afetiva na infância

Ajuriaguerra (1980), aponta a importância da mãe e sua empatia na vida da criança e principalmente em seus primeiros anos de vida. O autor afirma que, quando ainda bebê, o calor da pele da mãe é importante para o filho, a empatia da genitora por seu filho servirá como fator de proteção contra vários problemas que podem afetar seu desenvolvimento, incluindo a formação da personalidade, e quando esse afeto não existe a criança fica vulnerável.

Gerhardt (2017), confirma que as relações de afeto são essenciais não somente para desenvolver a afetividade do bebê, mas também para seu desenvolvimento cerebral. Para a autora, a relação entre o corpo e a mente se inicia desde muito cedo, e seguirá por toda a vida do indivíduo. Reitera que desde a gestação, o desenvolvimento receberá influências positivas e negativas que implicará fisicamente e emocionalmente no bem-estar desta criança como um todo. Segundo a mesma autora, quando a relação de afeto não acontece nos primeiros anos da infância os efeitos são ainda mais impactantes, o cérebro é afetado em seu sistema imunológico emocional, ou seja, a autoestima pode não ser construída, precisando fazer uma reorganização a fim de se adaptar, o que pode tornar a criança mais suscetível a transtornos variados que podem ser desde um transtorno alimentar como anorexia, dificuldade de aprendizagem, depressão, doenças físicas, problemas comportamentais ou mesmo o cérebro menos eficiente.

A alimentação é um ato básico e necessário para a sobrevivência, e pode envolver muita afetividade, o sentimento que estiver relacionado ao momento de se alimentar pode torná-lo mais do que simplesmente o ato de comer. O rompimento do vínculo afetivo ou um vínculo fraco pode estar associado a distúrbios nutricionais como desnutrição, obesidade, baixa estatura e inapetência (NOBREGA ET AL, 2000). Os autores afirmam que na primeira infância as emoções são importantes para as crianças e quando estas emoções se relacionam aos alimentos e na relação de prazer

e bem-estar pode interferir na nutrição do bebê, ao passo que a falta do elo afetivo vai iniciar os transtornos citados na primeira infância, mas com consequências que perdurarão.

Rappaport e colaboradores (1982) afirmam que crianças e adolescentes que crescem em abrigos ou instituições que não tem o afeto da família tem seu desenvolvimento prejudicado, enquanto uma criança que se desenvolve em meio a uma família afetiva tem bom desenvolvimento cognitivo e de suas potencialidades. Uma criança que é privada de afeto, pode ter uma estagnação ou mesmo retroceder em sua capacidade intelectual e afetiva, tornando essa criança sem ou com poucas perspectivas para o futuro o que trará consequências por toda a vida. (RAPPAPORT ET AL, 1982).

2.3.2. Privação afetiva na adolescência

A indiferença dos pais ou cuidadores durante a infância é o fator essencial na formação da conduta social em crianças, podendo assim elevar as chances de uso e abuso de álcool, entorpecentes e ainda conduta transgressora durante a adolescência. (GOMIDE, 2009).

Lipp (2014), psicóloga especialista em estresse, apresenta diversas causas de estresse em adolescentes, entre elas as relações familiares, perdas familiares, divórcio dos pais ou mesmo uma dinâmica familiar desajustada, de forma que altere a afetividade dessas relações. A autora afirma que o estresse no adolescente pode ser tanto físico quanto psíquico, pois essa situação deixa o adolescente com o sistema imunológico baixo, o que possibilita diversos tipos de doenças, além de alterações no rendimento escolar. A autora ainda sugere que a relação do adolescente com seus genitores quando empobrecidas de afeto, muito rígidas, com muitas cobranças e exigências da parte dos genitores pode causar afastamento na relação, isolamento, mais propensão ao uso de drogas, podendo se tornar mais inseguro, hostil, apresentar falta de confiança em si próprio, entre outros. A psicóloga ainda aponta que a relação familiar deficiente também pode ser a causa de agressividade, problemas escolares e transtornos afetivos.

Para Pedrini (1993), o adolescente carente de afeto irá apresentar lamentos de não ser amado, além de desenvolver um egocentrismo elevado resultando em uma

atitude depreciativa por seus pais e familiares. Na escola, esse jovem vai tentar comprar a atenção dos demais com presentes, gentilezas e agrados, ou poderá apresentar uma postura de agressividade como ofender e desrespeitar o professor e demais colegas e funcionários. O autor declara que em suas relações amorosas, esse adolescente vai buscar no outro o amor que lhe mate a fome de afeto que necessita, por isso ele vai se manifestar como um indivíduo ciumento, inflexível e complexo.

Outros autores como Abreu (2005), também afirmam que os adolescentes que vivenciaram a ausência de afeto ou negligência, se mostram suscetíveis a comportamentos infratores e antissociais como uso excessivo de drogas, latrocínio e engano. De acordo com Winnicott (2008), o extravio da construção do afeto na infância, trará consequências para o indivíduo quando estiver mais velho acarretando uma inclinação para desenvolvimento da personalidade antissocial ou até mesmo uma tendência para a criminalidade.

2.3.3. Privação afetiva na fase adulta

Papaia e Duskin (2012) apontam a fase adulta como o estágio de desenvolvimento que se prossegue após a adolescência. Para as autoras, nesta fase o indivíduo já atingiu a maturidade física, sexual, cerebral e cognitiva, é capaz de administrar o que considera suas prioridades, além de assumir responsabilidades como trabalhar, casar, formar família etc. Por fim, mesmo que os filhos tenham crescido e alcançado a independência, ainda mantém nos pais um ponto de apoio emocional e social (PAPAIA e DUSKIN, 2012).

As relações de apego entre os pais (casal) e filhos também irão influenciá-los na vida adulta, refletindo em suas futuras experiências como pais e que tipo de adulto se tornará. (RHOLES et al, 2006)

Myers (2012), trata também da necessidade que todo o ser humano tem de pertencimento, de se sentir aceito, amado, ter laços parentais, e que quando a pessoa não é amada, pode tornar-se alguém que não ama ou com dificuldades para amar. Segundo o autor, pais que são agressivos com seus filhos sofreram agressões e negligências na infância, o mesmo ocorre com as mães abusadoras e negligentes.

Conforme Zimerman (2009), fica cada vez mais evidente que há um crescente número de pessoas que experimentam carência afetivas básicas, pelo motivo de que

suas necessidades primordiais não terem sido suficientemente supridas, ocasionando a construção de vazios, autênticos “buracos negros”. As pesquisas psicanalíticas buscam evidenciar as primeiras omissões da mãe com o recém-nascido, as consequências no psiquismo da criança e as sequelas nos adultos resultantes dos vazios que então se formaram, sendo esta denominada de patologia do vazio.

Segundo Bowlby (1997), algumas pessoas manifestam um comportamento ansioso em suas relações interpessoais, exigindo amor e atenção de forma obsessiva, tipificando padrões inconscientes de carências afetivas sofridas durante a infância.

Para Monteoliva (1990), o indivíduo desprovido de afeto deseja de uma forma excessiva receber o que não obteve durante a infância. Isso fará que na fase adulta apresente atitudes imaturas em suas relações afetivas, sintomas patológicos e infantis como: ciúmes, submissão exagerada, atitude de posse, relacionamentos amorosos obsessivos, falta de responsabilidade, falta de respeito e cobrança maníaca. (MONTEOLIVA 1990).

3. ABORDAGEM CENTRADA NA PESSOA E AFETIVIDADE

A Abordagem Centrada na Pessoa (ACP) é resultado das vivências de Carl Ransom Rogers como psicoterapeuta. Apesar de ser o criador da teoria, Rogers, não se sentia confortável com esse termo, para ele, isso deixaria as relações insensíveis e externas, seu primeiro propósito era ajudar as pessoas e não criar teorias. (FEIST J.; FEIST G.; ROBERTS, 2015). Rogers considerava a conduta e os sentimentos do terapeuta mais significativos do que sua teoria, pois são estes que são percebidos pelo cliente (ROGERS, 2017).

Em sua teoria da personalidade, Rogers assinala que todo ser vive no universo das experiências, o que ele denomina de campo fenomenal e essas só podem ser conhecidas de forma integral pelo próprio indivíduo, pois ela é muito subjetiva e pessoal (ROGERS, 2003).

Dentro do campo da experiência está o self, há uma íntima relação entre a experiência e o modo como é percebida, e isso influenciará o comportamento do indivíduo, uma vez que é a percepção, principalmente a percepção do “eu” que guiará a maneira como cada pessoa se comporta, e isso não ocorre por ter nascido bom,

mas por satisfazer as necessidades de seu universo interno e externo. (ROGERS; KINGET, 1975)

Rogers e Kinget (1975) consideram o self como “a configuração experiencial composta de percepções relativas ao eu, as relações do eu com o outro, com o meio e com a vida, em geral, assim como os valores que o indivíduo atribui a estas diversas percepções" (apud Gobbi et al, 2005, p. 139).

É importante destacar que segundo a teoria de Rogers o self ou autoconceito não é estático, ao contrário disso ele é um processo móvel que possibilita ao indivíduo continuar crescendo e se desenvolvendo (FADIMAN; FRAGER, 1986).

Rogers e Kinget (1975) pontuam que as vivências negativas, hostis causadoras de temor e sentimento de inferioridade são retratadas na consciência tal qual as vivências positivas que favoreçam sentimento de segurança, sucesso e afeto, sendo assim, compreendemos que tanto experiências negativas quanto positivas desempenham um papel significativo no desenvolvimento do indivíduo.

A necessidade mais profunda do ser humano é de afeto e de ser respeitado por seus semelhantes, conforme esse indivíduo se desenvolve em suas experiências entende que a forma que conseguirá garantir afeto e respeito será através de comportamento considerados adequados socialmente, afirmam os autores Rogers e Kinget (1975). Para Rogers essa necessidade é uma questão fisiológica para a criança, se ela não tiver essa relação com a figura materna permanece numa situação de tensão fisiológica de insatisfação (ROGERS, 2003).

À medida que a criança começa a interagir com o ambiente, irá criar progressivamente conceitos acerca de si, acerca do ambiente, e acerca de si em relação ao ambiente. O campo fenomenal do indivíduo é constituído pela avaliação que os outros fazem e as próprias experiências do sujeito, todas essas experiências irão contribuir para a formação do seu campo perceptivo. Como a criança não faz separação entre suas ações e seu ser total, ela reage à aprovação de uma ação como se fosse a aprovação de si mesma (ROGERS, 2003).

Desta forma o sujeito irá reagir à existência de acordo com sua maneira de percebê-la e esta forma de perceber é influenciada pela maneira que os pais lidam com eles (ROGERS, 2003). A partir disso, ocorrem alguns efeitos para o amadurecimento da criança normal, como a reprovação da consciência pelos

prazeres vivenciados e a distorção da simbolização experienciada na vivência dos pais, isso fará com o que o sujeito não se perceba futuramente (ROGERS, 2003).

Para Rogers, o indivíduo deve ser aceito incondicionalmente, independentemente de suas conquistas, pois o valor do indivíduo não se reduz a isso, mas ao milagre da existência (COLLIN ET AL, 2012).

A psicoterapia se apresenta com o propósito de alterar essas discordâncias na maneira de funcionar do sujeito, permitindo que ele se torne congruente com sua forma de viver, reforçando o seu desenvolvimento organísmico (GOBBI ET AL, 2005). Segundo Rogers e Kinget (1975), a autoavaliação e autocorreção são desenvolvidas a partir das experiências de cada sujeito e elas orientam o comportamento em direção à maturidade pessoal.

No seu livro Tornar-se pessoa, Rogers (2017), diz que após um estudo realizado com pais e filhos no Fels Institute por Baldwin e outros, foi possível observar que as crianças que possuíam pais que demonstravam atitudes de “aceitação democrática” se apresentavam como crianças mais inteligentes, originais, com maior controle emocional do que as outras crianças que não tiveram essa experiência. Para ele, esse mesmo tipo de relação pode ser aplicado pelo psicoterapeuta, pois atitudes de respeito, interesse pelo outro e afeto favorecem a autorrealização.

Para Carrenho et al (2010), a Abordagem Centrada na Pessoa parte do pressuposto que todo indivíduo possui uma tendência natural que o move a desenvolver suas potencialidades, buscando o bem-estar e equilíbrio da pessoa, essa capacidade é inerente ao ser humano, o que Carl Rogers, denominou de tendência atualizante. Os autores ainda explicam que o meio também influencia no desenvolvimento do indivíduo, podendo ser um agente facilitador neste movimento (CARRENHO ET AL, 2010).

Enfatizamos que a tendência atualizante é um processo que move o indivíduo ao crescimento, porém isso não quer dizer que seja algo simples, muitas vezes ele vem permeado de dor, o autor a compara com a experiência da criança quando começa a andar, haverá tombos e lesões, ela poderá desistir e voltar a engatinhar, mas a tendência ao crescimento é maior a ponto de fazê-la não desistir apesar do sofrimento (ROGERS, 2003).

Com base no conceito mencionado acima, a Abordagem Centrada na Pessoa parte de alguns princípios que os denomina de facilitadores na relação de ajuda, são

eles: compreensão empática, congruência e aceitação condicional positiva que detalharemos a seguir.

A compreensão empática define-se como sendo a habilidade de se colocar no lugar do outro, “como se”, olhando para a pessoa através de suas próprias perspectivas, facilitando a compreensão (CARRENHO ET AL, 2010). A empatia é estar com o outro e se deixar de lado para estar neste encontro, e ver as pessoas como um todo e a partir de sua visão, livre de seus próprios valores para entrar no mundo do indivíduo (ROGERS, 2017).

A congruência se dá em uma relação de autenticidade, onde o que é dito está em harmonia com o que é vivenciado, e isso é um facilitador que contribui positivamente nas relações, pois favorece que as pessoas envolvidas sejam sinceras com seus sentimentos (ROGERS, 2017).

Aceitação incondicional positiva é aceitar o outro como ele é sem atribuição de juízo de valor, aceitando-o com seus acertos e com suas falhas, considerando como um todo, e mesmo reconhecendo as diferenças que possam haver entre nossa forma de pensar, ou de ver o mundo, respeitando a pessoa, permitindo que ela seja o que ela é (CARRENHO ET AL, 2010).

Essas condições facilitadoras, congruência, aceitação incondicional positiva e compreensão empática, quando se fazem presente numa relação auxiliam no desenvolvimento do afeto e podem diminuir as discordâncias que aconteceram ao longo da vida do sujeito.

4. OBJETIVO E HIPÓTESE

4.1 Objetivo Geral

Analisar na literatura possíveis impactos decorrentes do abandono emocional durante a infância e como isso pode repercutir na vida adulta, contribuindo para a conscientização de pais e educadores em relação a importância dos vínculos afetivos no comportamento e funcionalidade do indivíduo.

4.2 Hipótese

A partir do objetivo colocado, levantou-se a seguinte hipótese: as pessoas que sofreram privação afetiva durante a infância apresentam dificuldades de relacionamento, predisposição a delinquência e uma visão distorcida de si durante a fase adulta, pois estes indivíduos não tiveram suas necessidades de afeto básicas supridas nesse período da vida, fator que é tão importante para o desenvolvimento humano.

5. METODOLOGIA

O presente trabalho foi realizado através de uma metodologia de estudo exploratório de natureza qualitativa a partir de uma revisão bibliográfica com base em cenas do filme ‘Gênio Indomável’ (1997).

A pesquisa exploratória proporciona a possibilidade de uma aproximação entre a teoria e a prática, trazendo uma amostra da realidade, facilitando a compreensão, e direcionando mais luz ao conhecimento e conceitos apresentados nos trabalhos acadêmicos (PIOVERSAN & TEMPORINI, 1995).

De acordo com Mascarenhas (2012), a pesquisa qualitativa é empregada quando pretendemos ser mais profundos ao apresentar nosso objeto de estudo, é frequente o seu uso em estudos acerca de um sujeito ou grupo social, sendo constante seu uso em pesquisas na psicologia.

Segundo Macedo (1994), a revisão bibliográfica constitui-se em um tipo de “varredura” dos materiais publicados sobre determinado tema com o objetivo de auxiliar o estudante a progredir a partir do material existente.

5.1 Procedimentos

A composição e coleta de dados foram estabelecidas através de critérios de seleção que contemplasse materiais de pesquisas como: livros, artigos acadêmicos e filmes publicados a partir do ano de 1973 indexados em bases de dados informatizadas, que abordassem o tema proposto. A escolha em relação ao período de publicação se deu devido ao fato de as primeiras pesquisas publicadas em relação à primeira variável antecederem o ano de 1980.

As bases de dados pesquisadas foram: Livros impressos, Google Books, Scielo, acervo digital da biblioteca Unisa e filmes que contemplassem a temática. Para a pesquisa foram utilizadas as palavras chaves nos seguintes idiomas:

Português: “carência afetiva na infância”, “abandono emocional na infância”, “afetividade e vida adulta”, “negligência afetiva na infância” e “vida adulta”, “consequências da falta de afetividade”, “princípios facilitadores da abordagem centrada na pessoa” e “afetividade na abordagem centrada na pessoa”.

Inglês: “affective deficiency in childhood”, “emotional abandonment in childhood”, “affective deficiency in adolescence”, “affectivity and adulthood”, “affective neglect in childhood and adulthood” and “consequences of lack of affection” “facilitating principles of the person-centered therapy” and “affectivity in the person-centered therapy”.

Espanhol: “deficiencia afectiva en la infância”, “abandono emocional en la infância”, “deficiencia afectiva en la adolescência”, “afectividad y adultez”, “negligencia afectiva en la infancia y la edad adulta” y “consecuencias de la falta de afecto”, “los principios facilitadores del enfoque centrado en la persona” e “afectividad en el enfoque centrado en la persona”.

Na Tabela 1 são apresentados os critérios de inclusão ou de refinamento dos resultados.

Tabela 1. Filtros utilizados para refinar a busca

Tipo	Filtros selecionados
Descritores	Carência afetiva na infância Abandono emocional na infância Carência afetiva na adolescência Afetividade e vida adulta Negligência afetiva na infância e vida adulta Consequências da falta de afetividade Affective deficiency in childhood Emotional abandonment in childhood Affective deficiency in adolescence Affectivity and adulthood Affective neglect in childhood and adulthood Consequences of lack of affection Facilitating principles of the person-centered therapy Affectivity in the person-centered therapy” Deficiencia afectiva en la infância Abandono emocional en la infancia Deficiencia afectiva en la adolescencia Afectividad y adultez Negligencia afectiva en la infancia y la edad adulta Consecuencias de la falta de afecto Los principios facilitadores del enfoque centrado en la persona Afectividad en el enfoque centrado en la persona
Base de dados	Livros Google Books Scielo Acervo digital da biblioteca Unisa Filmes

Ano de publicação	1973-2021
Idiomas pesquisados	Português, Inglês e Espanhol
Tipo de documento	Livros, artigos e filmes

Fonte: As autoras (2021)

Foram analisadas onze cenas do filme ‘Gênio Indomável’ do diretor Gus Van Sant (1997), duas cenas relacionadas à privação afetiva vividas pelo personagem Will Hunting, representado pelo ator Matt Damon e nove cenas que apresentam os princípios facilitadores descritos na teoria de Carl Rogers.

6. RELATO DO FILME ‘GÊNIO INDOMÁVEL’

O personagem Will Hunting é um jovem com 21 anos de idade, mora sozinho em uma casa simples no bairro de Salt em Boston e trabalha como faxineiro em uma conceituada Universidade. A história familiar mostra que ele morou em orfanatos da região, passou por cinco lares adotivos onde sofreu abusos e violências físicas por parte de seus pais adotivos.

Nos momentos em que Will não está trabalhando passa o tempo em leituras, com seus três amigos e posteriormente na companhia da namorada. Ele tem grande capacidade de reter e entender tudo o que lê e demonstra grande habilidade na resolução de teoremas matemáticos. Certa vez, conseguiu resolver com facilidade dois teoremas deixados por um renomado matemático e professor universitário que ficou impressionado com a genialidade do jovem. Ao ser descoberto, Will pediu as contas da Universidade e começou a trabalhar com um amigo em um canteiro de obras.

Will Hunting tem um temperamento explosivo, em uma ocasião, ao encontrar um conhecido dos tempos de escola que ele não tinha afinidade, iniciou uma briga onde o agrediu violentamente a ponto de ser levado preso e ser sentenciado. Nesse momento, o professor universitário Gerald Lambeau lhe fez uma proposta de cumprir sua pena em liberdade condicional, desde que ele fizesse aulas de matemática e acompanhamento psicológico, o jovem aceitou a proposta a contragosto.

Will conheceu a jovem Skylar em um bar e logo começou a ter um romance com a moça que também se apaixonou por ele, porém ele tem medo de se envolver e não quer formalizar a relação que existe entre eles. A jovem o convida para ir morar juntos na Califórnia, local para onde se mudará para estudar medicina. Porém Will recusa e deixa de se relacionar com Skylar, mesmo gostando dela.

Alguns dos problemas do jovem incluem temperamento explosivo, agressividade, medo de interação, mantendo o convívio somente com três amigos, apresenta medo de se relacionar e de ser abandonado, possui problemas com a justiça por pequenos delitos, se mostra instável nos empregos que arruma e insegurança em mudar de vida.

O professor inicia a sua jornada para conseguir um profissional que pudesse atender o Will, o primeiro psicólogo, iniciou a sessão com uma abordagem diretiva,

mas não concluiu devido ao fato de o rapaz irritá-lo com a declaração que o psicólogo era gay e estava interessado nele, além de demonstrar claramente que não tinha pretensões de levar a terapia a sério, o que fez com que o terapeuta desistisse de atendê-lo. O professor conduziu o jovem a um segundo psicólogo que aplicava a técnica da hipnose, mas novamente Will arranjou uma forma de se livrar do terapeuta, dessa vez fingindo que estava hipnotizado e respondendo com gracejos, e outra vez o terapeuta desistiu de atendê-lo. Novamente o professor vai em busca de outro psicólogo, desta vez, ele faz contato com um conhecido que havia sido seu colega de quarto na época que cursava a faculdade e acaba por convencê-lo.

O psicólogo Sean Maguire, recebe Will em seu consultório para um primeiro atendimento, o início da relação foi conturbado, pois o jovem achou que mais uma vez poderia se livrar da psicoterapia, para isso ele usou de hostilidade e o ridicularizou por um quadro que tinha na parede, porém o jovem se surpreendeu ao perceber que o psicólogo não desistiu dele apesar do seu comportamento. No encontro seguinte o psicólogo levou Will para uma sessão ao ar livre, onde ele retomou o assunto referente ao quadro e falou que não é possível ter uma visão determinista de alguém apenas pelo que está escrito em livros, mas ao contrário a própria pessoa deverá dizer quem de fato ela é, esclarecendo a diferença entre conhecer algo na teoria e ter a experiência prática.

O jovem compareceu às sessões seguintes e para desafiar o terapeuta ele não falava nada, Sean não questionava e respeitava seu silêncio. Algumas sessões depois Will quebra o silêncio contando uma piada, o psicólogo utiliza a piada para interagir com o rapaz, e assim conseguir construir uma relação de confiança, isso foi ocorrendo ao longo do filme e no final foi possível observar a evolução de Will ao finalizar o processo psicoterapêutico por parte do psicólogo, aceitar um novo emprego e ir ao encontro de Skylar.

7. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Todo ser humano se lança em busca do que acredita ser o melhor para si de forma a satisfazer as suas necessidades, para garantir seu bem-estar biopsicossocial, é uma capacidade inerente ao ser humano, uma tendência de sempre se atualizar (CARRENHO ET AL, 2010). Na cena seguinte, observamos essa tendência em Will.

Cena 01: Tendência atualizante - tempo 12:05.

A forma agressiva como Will se comportava era um recurso que ele utilizava para se proteger psiquicamente e lidar com situações em que acreditava que agir com violência era a melhor solução. A tendência atualizante não tem relação com positivo ou negativo, nem bondade ou maldade, por se tratar de conceitos sociais, os resultados da tendência atualizante estão relacionados com as condições do meio em que o indivíduo está inserido, que podem ser favoráveis facilitando seu desenvolvimento ou não, em todo tempo todas as escolhas que as pessoas fazem são tentativas de melhorar a vida (CARRENHO ET AL, 2010).

Durante a cena 02, o juiz fala do histórico de abusos, violência e lares de adoção que Wil passou. De acordo com o relato apresentado evidenciou-se que o jovem sofreu privação afetiva durante sua infância por não ter um lar acolhedor que lhe oferecesse condições favoráveis para seu desenvolvimento.

Cena 02: Privação afetiva - tempo 24:54.

Rogers (2017), diz que filhos de pais que os rejeitam ativamente se mostram agitados, além de apresentarem instabilidade emocional, rebeldia e agressividade. De acordo com Fadman e Frager (1986), o afeto é muito significativo para a criança, ela irá comportar-se de maneira que lhe assegure amor e aprovação, mesmo que estes comportamentos não sejam sadios para ela, podendo agir em desacordo com o seu próprio interesse. Quando o self é desenvolvido a partir dessas experiências favorece uma simbolização distorcida a ponto do indivíduo futuramente não conhecer a si próprio (ROGERS, 1992).

Fadman e Frager (1986), afirmam que o self é a forma que o indivíduo se percebe baseado em suas vivências passadas. Para Gobbi et al (2005), o self real é o conjunto de características próprias do indivíduo, já o self ideal é o conjunto de características que o indivíduo gostaria de ter.

Will possui uma visão depreciativa de si, na cena 03, ele liga para Skylar e diz que ele é aquele que sempre faz tudo errado. Ele tem habilidades que todos invejam, mas não consegue perceber isso, o jovem possui uma visão de self distorcida.

Cena 03: Self real x Self ideal - tempo 25:45.

Durante a infância o indivíduo passa situações que são comuns ao desenvolvimento. A criança é instruída para compreensão de regras para o seu próprio benefício, mas futuramente isso poderá converter-se em aspectos inibitórios da sua personalidade (FADMAN e FRAGER, 1986).

Will aprendeu por suas experiências em lares adotivos que não deveria dar amor, pois poderia ser abandonado novamente, como uma forma de se preservar ele não se aprofundava afetivamente em seus relacionamentos com o sexo oposto para evitar qualquer tipo de sofrimento. Porém, ao conhecer Skylar seus afetos foram despertados por ela, na cena 04, ele sente vontade de conversar com a jovem para dizer o quanto gostou do dia em que estiveram juntos, mas apesar de fazer a ligação não conseguiu falar, apenas ouvia a voz da moça e desligava o telefone. É possível notar a incongruência que o rapaz estava passando. Para Gobbi et al (2005), a incongruência é uma condição de conflito vivenciada pelo indivíduo entre o que ele é e o que ele desejaria tornar-se. Segundo Rogers (1987), ser congruente é estar em contato com o que se passa dentro de você, envolve vivenciar o momento com a experiência compartilhada entre o que se passa na consciência e na comunicação, ou seja, é como se fosse um efeito cascata e quando isso acontece o ser se torna completo.

Cena 04: Incongruência do Self - tempo 51:58.

A cena 05, apresenta o momento em que o terapeuta conversa com Will sobre si e sobre a vida, até a ocasião Will estava acostumado a hostilizar os psicólogos, assim ele havia feito com os profissionais anteriores a fim de se livrar deles, dessa forma não conseguia estabelecer um vínculo terapêutico e trabalhar suas questões. Rogers (2017), esclarece que para uma relação de ajuda seja efetiva e alcance seu objetivo é necessária que haja empatia e disponibilidade para estar nesta relação, e verdadeiramente presente. Podemos notar essas características por parte do psicólogo que se coloca disponível em sua relação com Will, favorecendo a confiança por parte do cliente e contribuindo para evolução do processo terapêutico.

Cena 05: Empatia- tempo 50:23 - Disponibilidade de estar com o cliente - tempo 50:38.

Na cena 06, o psicólogo pergunta para Will se ele iria rever Skylar e ele responde não saber pelo fato de não ter ligado para a jovem após o último encontro, onde tiveram relação sexual. Will disse que sabia o que estava fazendo, nesse momento é possível ver o psicólogo sendo autêntico com o jovem, ele fala de sua experiência pessoal e sobre o valor das experiências das relações e intimidade, a partir daí, ele expõe para o jovem que sua esposa faleceu e o quanto ele a amava.

Após essa sessão as coisas mudaram entre eles, o psicólogo ganhou a confiança do jovem, pois ele se colocou em grau de igualdade na relação psicoterapêutica. O cliente jamais sentirá a vontade de abrir sua vida para o psicólogo, caso ele perceba que este é incongruente com o que diz. A congruência se dá em uma relação de autenticidade, onde o que é dito está em harmonia com o que é expresso, e isso é um facilitador que contribui positivamente nas relações, pois favorece que as pessoas envolvidas sejam sinceras com seus sentimentos (ROGERS, 2017).

Cena 06: Will diz que teve relações sexuais com Skylar - tempo 55:59.

A amizade que Will formou com seus três amigos e o relacionamento com a namorada Skylar, eram importantes e significativas para ele, de certo modo era com eles que o jovem mantinha seus laços afetivos, e se sentia pertencente ao grupo que constituíam. Para Rogers (2017), as pessoas precisam de relacionamentos nos quais se sintam aceitas como verdadeiramente são, ao que ele chamou de consideração positiva incondicional.

Cena 07: Consideração positiva incondicional na relação com seus amigos e Skylar - tempo 1:12:34.

De acordo com Myers (2012), somos seres sociáveis, no princípio a vida em sociedade era fundamental para sobrevivência humana, e ainda hoje é, embora a sobrevivência a que ele se refere seja a afetiva e emocional. Para o autor, o indivíduo que se sente pertencente e amado por pessoas que lhes são significativas como família e amigos desenvolvem uma autoestima elevada, consideram suas vidas mais significativas, são mais capazes, o que lhes proporcionam maior sensação de bem-estar e consideram-se felizes, por essa razão estudos mostram que se sentir pertencente é mais importante do que ser rico. Essa necessidade acompanha o ser humano em todas as etapas da vida. (MYERS, 2012).

Will estava gostando de Skylar, porém isso não foi o suficiente para ele aceitar a proposta que ela lhe fez para viajarem juntos e morarem em outro lugar, pois temia o abandono. Mesmo com sua genialidade o que lhe possibilitaria conseguir com facilidade um emprego em outro lugar, não conseguia acreditar em sua potencialidade e tinha receio de ser abandonado por ela também, isso é possível notar na cena 08.

Cena 08: Campo fenomenológico: não acredita que possa ser amado - tempo 1:25:35.

O jovem reagiu com violência diante da insistência da namorada para viajarem juntos, em sua infância ele não pôde contar com seus cuidadores, que são as primeiras pessoas em quem confiamos, isso contribuiu para que ele apresentasse dificuldade de confiar nas pessoas, uma percepção negativa de si, e um comportamento agressivo. Compreendemos que ele queria apenas se proteger da possível frustração de ser abandonado futuramente, como ocorreu várias vezes em seu passado. Diante de suas experiências, essa era sua visão de mundo. Para Gobbi et al (2005), o campo fenomenológico é a maneira que o indivíduo percebe a sua realidade, ou seja, é a sua forma de enxergar e experimentar o mundo.

Posteriormente, quando estava já finalizando o seu processo psicoterapêutico com Sean Maguire, Will relembra as cenas de violência doméstica que sofria na sua infância por um dos seus pais adotivos, o psicólogo começa a dizer: ‘Não é sua culpa’ a princípio o jovem diz saber disso, mas o psicólogo continua repetindo, até o ponto de o jovem começar a chorar e pedir para Sean não fazer isso com ele.

Cena 09: Violência doméstica - tempo 1:48:17.

Em relação às experiências de comunicação, Rogers afirma que compreendeu que quanto mais as pessoas percebem que foram profundamente ouvidas, tornam-se capazes de rever seu mundo e continuar. É incrível como alguns aspectos que antes pareciam insolúveis tornam-se passíveis de solução, as confusões que parecem irremediáveis transformam-se em correntes que fluem com relativa facilidade. (ROGERS, 1987).

No setting terapêutico é de suma importância essa escuta ativa por parte do psicólogo para que o cliente possa sentir que tem alguém que se interessa por ele e que pode sentir-se seguro em dividir suas experiências e angústias. Quando você se coloca no lugar do outro, aceita que sua dor é autêntica e não tenta minimizá-la, ele percebe que pode confiar em você, pois sente-se compreendido (ROGERS, 2017).

A aceitação incondicional positiva por parte do psicólogo contribuiu grandemente para o sucesso da psicoterapia, Will percebeu que podia confiar no profissional e isso fez toda a diferença na relação.

Cena 10: Aceitação incondicional positiva por parte do Psicólogo - tempo 1:54:1.

Durante o processo psicoterapêutico, Sean demonstrou uma atitude empática com Will, sem julgá-lo e aceitando o jovem na sua totalidade, respeitando o conteúdo que ele trouxe, tudo isso é importante e favorece o desenvolvimento em uma relação de ajuda entre o terapeuta e o cliente (ROGERS, 2017).

Para Carrenho (2010), a compreensão empática é se colocar no lugar do outro para enxergar o mundo a partir de sua perspectiva, porém sem se perder de si mesmo.

Observamos que a psicoterapia cumpriu o seu papel como relação de ajuda, o jovem conseguiu ressignificar a sua vida e foi viver as suas experiências enfrentando os seus medos. Num momento posterior, percebemos a tendência atualizante na vida de Will, o rapaz aceita um dos empregos que foi indicado pelo professor universitário Gerald Lambeau, antes dessa ocasião ele já havia recusado outros empregos que o matemático indicou.

Cena 11: Will aceita o emprego indicado pelo professor (tendência atualizante) - tempo 1:52:26.

Através do filme podemos perceber que apesar das experiências negativas afetarem a vida do indivíduo interferindo na construção do seu self e a percepção que fazia de si, isso afetava diretamente seu funcionamento com o mundo e as relações. A psicoterapia é um dos caminhos que torna possível essa mudança, possibilitando ao indivíduo ressignificar suas vivências e se abrir a novas experiências.

As condições facilitadoras como a empatia, aceitação incondicional positiva, a congruência favorece uma tendência atualizante, que possibilite uma vida mais significativa e assim o ser humano não precisa viver como um subproduto de suas experiências, mas tem a possibilidade de se desenvolver, crescer e transcender em busca do que é melhor para si.

A ACP tem alguns pressupostos básicos que a diferencia das demais abordagens. Ela possui princípios facilitadores e não se utiliza de técnicas, mas considera que todo ser humano tem uma tendência atualizante impulsionando-o a se desenvolver (CARRENHO ET AL, 2010).

A consideração positiva e a postura empática por parte do psicólogo Sean fizeram a diferença no processo terapêutico de Will, pois este não desistiu dele como os demais. Além disso, o psicólogo não se colocou numa posição de superioridade em relação ao cliente, ao contrário colocou-se lado a lado, numa relação de ajuda.

Carl Rogers afirma que todo ser humano tem uma tendência atualizante, ou seja, uma predisposição para se desenvolver e o organismo fará todo esforço para que isso aconteça, para criar essa teoria ele teve influência da biologia, devido a sua experiência de vida no campo, ele observou que as batatas que estavam no celeiro

escuro cresciam em direção à luz, com isso ele concluiu que todo ser vivo tem essa tendência, desde a plantas, animais e seres humanos (MOREIRA, 2007).

Confirmando essa ideia, o psiquiatra e psicólogo austríaco Viktor Frankl (2011), nos ensina sobre uma característica do ser humano de autotransceder para além de si mesmo, em busca de conferir significado à própria vida, uma das formas de preencher a vida de sentido e justamente em encontrar alguém para amar. Como seres sociáveis e afetivos que somos, é muito importante amar e nos sentirmos amados e pertencentes para sermos felizes.

8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Percebemos o importante papel que a afetividade desempenha em nossas vidas, especialmente quando recebida durante a infância, pois influencia no modo como percebemos a nós e o mundo circundante e como construímos nossas relações interpessoais. No filme “Gênio indomável” foi possível exemplificar como a privação afetiva sofrida na infância pode refletir na vida adulta. Will apresentava comportamento agressivo, insegurança em se relacionar e uma percepção negativa de si próprio, provavelmente em decorrência da falta de construção de laços afetivos que geralmente são desenvolvidos por pais e cuidadores.

A partir dos materiais pesquisados é possível perceber que todos apontam para sequelas durante a fase adulta de indivíduos que sofreram privação afetiva durante a infância, com isso confirmamos nossa hipótese de que pessoas que sofreram privação afetiva durante a infância apresentam dificuldades de relacionamento, predisposição a delinquência e uma visão distorcida de si durante a fase adulta, pois estes indivíduos não tiveram suas necessidades de afeto básicas supridas nesse período da vida, fator que é tão importante para o desenvolvimento humano.

A partir disso, exploramos a Abordagem Centrada na Pessoa para demonstrar como auxiliar pessoas que estejam nessas condições. Essa abordagem compreende que a melhor forma de auxiliar o indivíduo é acreditando nele e no que ele traz, pois ninguém melhor que a própria pessoa para dizer o que de fato sente. A ACP não usa rótulos e parte do princípio de que o psicólogo precisa ter uma postura facilitadora que contribuirá para que o cliente consiga dar suas próprias respostas para a vida.

A ACP acredita no potencial do ser humano em superar os seus traumas passados através de uma relação de ajuda que facilitará para que esse desenvolvimento aconteça.

Através do filme utilizado percebemos que isso é possível, pois a princípio o jovem não acredita que a psicoterapia pudesse funcionar com ele e isso o fazia não levar a sério o trabalho realizado pelos profissionais. É importante ressaltar que no caso do jovem Will o êxito do seu tratamento se deu ao fato de ele contribuir fazendo a sua parte no processo psicoterapêutico, até porque na ACP o psicoterapeuta caminha lado a lado com o cliente que também é considerado responsável pelo processo terapêutico, colocando-se em posição de igualdade, ele não é considerado

um paciente que participa do processo como um ser passivo, mas um indivíduo responsável por si e ativo por seu desenvolvimento psíquico.

Por diversas circunstâncias a privação afetiva pode acontecer, em casos velados ou em situações que também envolvem abusos e violências, mas através da experiência do personagem Will Hunting, observamos que mesmo pessoas que sofrem na infância privação afetiva ao encontrar uma relação de ajuda que lhes ofereça condições facilitadoras para seu desenvolvimento emocional e psíquico são capazes de ressignificar sua vida conforme propõe Rogers.

9. REFERÊNCIAS

ABREU, C. N. **Fundamentos, pesquisa e implicações clínicas**. 1 ed., São Paulo: Casa do psicólogo, 2005.

AJURIAGUERRA. J. **Manual de Psiquiatria Infantil**. 2. Ed. Rio de Janeiro: Masson do Brasil, 1980.

ALVES-MAZZOTTI, Alda Judith. **Usos e abusos dos estudos de caso**. Cadernos de pesquisa, v. 36, n. 129, p. 637-651, 2006. https://www.scielo.br/j/cp/a/BdSdmX3TsKKF3Q3X8Xf3SZw/?lang=pt . Acesso em 30/05/2021.

ARIÈS, P. **História social da criança e da família**. 2.- ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.

BALDWIN, A. **Teoria do Desenvolvimento da Criança**. São Paulo: Pioneira, 1973.

BOCK, A. M. B. FURTADO, O. TEIXEIRA, M. L. T. **Psicologias - Uma Introdução ao Estudo de Psicologia**. São Paulo, Ed. Saraiva. 13ª edição reformulada e ampliada— 1999 - 3ª tiragem — 2001.

BOWLBY. J. **Attachment.** New York. Basic Books, 1982.

BOWLBY, John. **Cuidados maternos e saúde mental**. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

BOWLBY, John. **Formação e Rompimento dos laços afetivos**. 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BRASIL, 1990. **Estatuto da Criança e do Adolescente - ECA**. 13. ed. Brasília: Câmara, 2015.

CARRENHO, Esther; TASSINARI, M. A.; PINTO, M. **Praticando a Abordagem Centrada na Pessoa–dúvidas e perguntas mais frequentes**. São Paulo: Carrenho Editorial, 2010.

COLLIN, Catherine, et al. **O livro da psicologia**. São Paulo: Globo, 2012.

DALGALARRONDO, Paulo. **Psicopatologia e Semiologia dos Transtornos Mentais. 3. Ed.** Artmed, Porto Alegre, 2019.

FADIMAN, James; FRAGER, Robert. **Teorias da Personalidade**. São Paulo: HARBRA, 1986.

FEIST Jess et al. **Teorias da personalidade.** 8.ed. – Porto Alegre: AMGH, 2015.

FRANKL. VIKTOR E. **A vontade de sentido: Fundamentos e Aplicações da Logoterapia**. São Paulo: Editora Paulus, 2011.

GERHARDT. S. **Por Que o Amor é Importante: Como o Afeto Molda o Cérebro do Bebê**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2017.

GOBBI, Sérgio Leonardo et al; **Vocabulário e noções básicas da abordagem centrada na pessoa**. 2. Ed. São Paulo: Vetor, 2005.

GOMIDE, P. I.C. **Pais presentes, pais ausentes: regras e limites**. 9ª ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2009.

KRAMER, S. LEITE, M. I, et al. **Infância e educação infantil**. Campinas: Papirus, 1999.

LIPP. M. E. N. **Stress em crianças e adolescentes.** Campinas, SP: Papirus, 2014.

MACEDO, N. D. **Iniciação à pesquisa bibliográfica: guia do estudante para fundamentação do trabalho de pesquisa**. 2. edição revista – São Paulo: Edições Loyola, 1994.

MASCARENHAS; S. A. **Metodologia Científica**. São Paulo. Person Education do Brasil, 2012.

MARIA-MENGEL, Margaret Rose Santa; LINHARES, Maria Beatriz Martins. **Risk factors for infant developmental problems**. Revista Latino-Americana de Enfermagem, v. 15, p. 837-842, 2007.

MONTEOLIVA, J. M. **O dilema da sexualidade**. São Paulo: Edições Loyola, 1990.

MYERS, D. G. **Psicologia**. Rio de Janeiro: LTC, v. 9ª ed., 2012.

MOREIRA, Virginia. **De Carl Rogers a Merleau-ponty**: a pessoa mundana em psicoterapia. São Paulo: Annablume, 2007.

NERY, M. P. **Vínculo e afetividade [recurso eletrônico]: caminhos das relações humanas**. 3ª edição. São Paulo: Agora, 2014

NICOLAS, E.C.P. **Segredos da Vitória no amor: como aumentar a sua capacidade de dar e receber afeto**. 1. Ed. Tatuí, SP. Casa Publicadora Brasileira, 2007.

NOBREGA, F. J. CAMPOS, A. L. R. NASCIMENTO, C. F.L. **Distúrbios Nutricionais e Fraco Vínculo Mãe/Filho**. 2.Ed. Rio de Janeiro: Revinter, 2000.

OSTERRIETH, P. A. **Introdução a Psicologia da criança**. 12. ed. refundida. São Paulo: Ed. Nacional, 1980

PAPALIA, D. E. FELDMAN, RUTH D. MARTORELL, G. **Desenvolvimento Humano**. 12. Ed. Porto Alegre: AMGH, 2013.

PEDRINI, A. J. – **Jovens em Renovação: Espiritualidade, Afetividade, Sexualidade**. São Paulo, Edições Loyolas, 1993.

PIOVESAN, Armando; TEMPORINI, Edméa Rita. **Pesquisa exploratória: procedimento metodológico para o estudo de fatores humanos no campo da saúde pública**. Revista de Saúde Pública, v. 29, n. 4, p. 318-325, 1995. https://www.scielo.br/j/rsp/a/fF44L9rmXt8PVYLNvphJgTd/?lang=pt. Acesso em 03/06/2021.

QUEIROZ, Norma Lucia Neris de; MACIEL, Diva Albuquerque; BRANCO, Angela Uchôa. **Brincadeira e desenvolvimento infantil: um olhar sociocultural**

construtivista. Paidéia (Ribeirão Preto), v. 16, p. 169-179, 2006. https://www.scielo.br/j/paideia/a/yWnWXkHcwfjcngKVp6rLnwQ/?format=pdf&lang=pt. Acesso em 29/08/2021.

RAPPAPORT, C.R. FIORI. W. R. DAVIS. C. **Psicologia do Desenvolvimento, A idade escolar e a Adolescência**. Vol. 4. São Paulo: EPU, 1982.

RHOLES, W. S. SIMPSON, J. A. FRIEDMAN, M. **Avoidant attachment and the experience of parenting. Personality and social psychology bulletin**, v. 32, n. 3, p. 275-285, 2006.

ROGERS, Carl. R.; KINGET, M. **Psicoterapia & Relações Humanas.** 1. ed. Belo Horizonte: Interlivros, 1975.

ROGERS, Carl. **Terapia Centrada no Cliente**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.F

ROGERS, CARL R. **Terapia Centrada no Cliente.** Lisboa: Ediual - Editora da Universidade Autónoma de Lisboa, 2003.

ROGERS, CARL R. **Tornar-se pessoa**. São Paulo: Martins Fontes, 2017 https://www.google.com.br/books/edition/Tornar_se_pessoa/HxCbDgAAQBAJ?hl=pt-BR&gbpv=1&dq=LIVRO+TORnar-se+pessoa+carl+rogers&printsec=frontcover acesso em 26/05/2021.

ROGERS, CARL R. **Um Jeito de Ser. São Paulo.** E.P.U. - Editora Pedagógica e Universitária Ltda., 1987.

WINNICOTT, D. W. **A família e o desenvolvimento individual**. São Paulo: Editora Martins, 2005.

ZIMERMAN, D. E. **Psicanálise em Perguntas e Respostas: Verdades, mitos e tabus**. São Paulo: Editora Artmed, 2009.